



João Pedro da Ponte. Professor Catedrático do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa foi eleito no decorrer do CERME 7 (*Seventh European Conference on Research in Mathematics Education*), no passado mês de Fevereiro em Rzeszów (Polónia), para a direcção da *European Society for Research in Mathematics Education* (ERME).

É uma das pessoas que está na base da criação da APM, de que é sócio fundador e onde integra o Grupo de Trabalho de Investigação — GTI. Tem colaborado ainda em muitas outras actividades, integrando grupos como o T³ ou comissões organizadoras de ProfMats e desempenhando funções na *Educação e Matemática* como editor convidado. Ao longo dos anos assumiu sempre uma postura activa e interventiva, que muito tem contribuído para a discussão de ideias no seio da nossa associação.

A *Educação e Matemática* (EM) convidou João Pedro da Ponte (JP) para uma conversa conduzida por Helena Rocha sobre as funções que passou a assumir, pedindo-lhe que nos dê a conhecer um pouco melhor esta organização, os seus contributos para a investigação em Educação Matemática a nível europeu e o papel de Portugal na ERME e na investigação europeia. Agradecemos-lhe a disponibilidade e a amabilidade com que aceitou o nosso desafio, com a certeza que o seu contributo promoverá um envolvimento ainda maior de mais investigadores portugueses e o desenvolvimento da Educação Matemática em Portugal.



EM: João Pedro, quais são as principais actividades promovidas pela *European Society for Research in Mathematics Education (ERME)*?

JP: Esta organização pretende estabelecer a comunicação e o diálogo entre investigadores de educação matemática de países europeus e realiza principalmente duas actividades: um congresso de dois em dois anos (CERME) e uma escola de verão para doutorandos e recém-doutores, também de dois em dois anos. Além disso, tem um sítio *www* que disponibiliza informações úteis aos investigadores. Apesar de ser uma organização europeia, nas suas actividades participam activamente investigadores oriundos de outros continentes.

O CERME é um encontro com características muito especiais. Tem sessões plenárias e apresentação de posters, como muitos outros, mas, ao contrário da maioria dos congressos, em que o participante se defronta com um programa onde se salta de sessão em sessão, correndo por vezes o risco de se perder, aqui trabalha-se em grupos temáticos durante toda a semana. Deste modo, fica com uma visão global muito actualizada da investigação que se está a realizar nessa área temática, ao mesmo tempo que tem a oportunidade de apresentar o seu trabalho às pessoas com interesses muito próximos. Existe uma grande variedade de grupos temáticos, pelo que a dificuldade é sobretudo escolher aquele que mais nos interessa.

Além disso, as comunicações são submetidas com bastante antecedência, recebendo *feedbacks* de vários membros do mesmo grupo temático, o que ajuda muitíssimo na sua elaboração. Este processo de revisão de comunicações, embora trabalhoso para os dinamizadores dos grupos, tem uma lógica muito construtiva, e é muito apreciado pelos participantes.

EM: O que torna a ERME especial relativamente a outras organizações na área?

JP: Para além do carácter especial dos encontros, baseado em grupos temáticos, como referi, um aspecto muito importante, é o facto de se tratar de uma organização europeia. Existem

outras organizações de âmbito internacional, como o PME (*International Group for the Psychology of Mathematics Education*) e o ICMI (*International Commission of Mathematics Instruction*), mas são de âmbito mundial. Para nós, portugueses, como para outros investigadores europeus, é muito importante termos uma organização europeia, possibilitando o contacto frequente com os que nos estão mais próximos, dando um melhor conhecimento sobre o trabalho que se vai fazendo nos outros países, criando oportunidades para trabalho de investigação em conjunto com recurso a financiamentos europeus, etc.

EM: O que significa para ti esta eleição e quais as funções que lhe estão inerentes?

JP: Já no passado participei como tutor de um grupo de doutorandos em diversas escolas de verão e achei um trabalho muito interessante. No próximo ano, 2012, somos nós que iremos organizar a escola de verão do ERME. Uma vez que a anterior coordenadora desta actividade que integrava a direcção cessou as suas funções era necessário alguém que a substituisse. Deste modo, decidi aceitar a minha candidatura para a direcção, especialmente orientada para intervenção nessa importante área de actividade do ERME.

EM: Na tua proposta de candidatura referes diferenças ao nível da representação de diferentes países europeus e expressas o teu empenho na sua minimização. Que assimetrias identificas na investigação em Educação Matemática nos diferentes países europeus?

JP: As assimetrias são muitas. Existem países, como a Alemanha, a França, o Reino Unido e os países nórdicos, que têm uma actividade científica muito intensa, com grupos de investigação muito activos, bem integrados institucionalmente e com bom acesso a financiamento. Neste grupo entra também Israel que, não sendo geograficamente europeu, tem uma comunidade científica em educação matemática muito forte que participa activamente nos encontros do ERME. Existem outros países



onde a actividade é reduzida e feita em condições precárias, como é o caso de muitos países de leste. Por fim, existem países em situação intermédia, com um ou dois grupos de investigação fortes, como é o caso da Holanda (no Instituto Freudhental), da Bélgica (Center for Instructional Psychology and Technology de Louvaina), da Grécia (Universidades de Atenas e Salónica) e Chipre (Universidade de Nicósia), e países que, como a Itália ou a Espanha, têm numerosos grupos de investigação, mas têm igualmente problemas institucionais muito complicados. Na minha perspectiva, Portugal está neste grupo intermédio.

EM: Como comentarias a investigação que presentemente se faz em Portugal comparativamente ao contexto europeu tendo por referência a ERME?

JP: A investigação que se faz em Portugal é reconhecida como de boa qualidade pelos investigadores dos outros países europeus, mas, dada a nossa dimensão circunscreve-se a um número reduzido de grupos e aborda apenas um conjunto limitado de áreas temáticas (conhecimento profissional, práticas profissionais e formação de professores, números e operações, álgebra, uso das tecnologias no ensino, história do ensino da Matemática e pouco mais). Temos já um núcleo significativo de investigadores doutorados, mas a capacidade de produção científica — com a realização de projectos e a consequente disseminação de resultados através de artigos em revistas científicas — tem ainda muita margem para se intensificar. Em termos institucionais penso que não estamos mal, principalmente nas Universidades de Lisboa, Minho e Aveiro, em que os grupos de investigação têm um espaço importante, e em muitas escolas superiores de educação, onde existem também grupos muito fortes. O principal senão é a ausência de uma cultura de investigação na rede do ensino politécnico e um acesso precário a financiamento dos projectos de investigação.

Um dos pontos mais fortes da investigação que se faz em Portugal é a forte ligação com o campo profissional, havendo muitos projectos que envolvem equipas colaborativas de professores e investigadores, e uma forte presença de professores nos

encontros de investigação e de investigadores em encontros de professores, bem como uma grande facilidade de comunicação entre os dois campos. Esta proximidade torna os investigadores particularmente sensíveis às preocupações e necessidades dos profissionais e ajuda-os a realizar investigação mais relevante. Por outro lado, ajuda, também à integração dos resultados da investigação no terreno da prática profissional.

EM: Como vês os jovens investigadores na ERME e como é que achas que a ERME os vê ou devia ver a eles?

JP: A ERME dá uma atenção especial à formação dos jovens investigadores, organizando a escola de verão. Nos seus congressos regulares dá também uma atenção especial a este grupo, dedicando-lhes um dia com *workshops* e sessões de discussão — o *YERME Day*. Existe uma cultura de valorização dos jovens investigadores, o que, a meu ver, facilita a sua rápida integração na comunidade científica. O número de doutorandos portugueses que tem participado na escola de verão e no *YERME Day* é dos mais altos de toda a Europa, o que mostra bem o interesse que estas actividades têm suscitado entre nós.

EM: Existe algum projecto ou ambição que tenhas para este teu mandato e que queiras partilhar connosco?

JP: A minha ligação com o ERME vem desde o início, pois integrei o grupo fundador e também o grupo que delinhou os congressos CERME desde o seu início. Dirigi até a assembleia-geral no CERME II, onde foram formalmente aprovados os estatutos do ERME, o que na altura não foi nada simples, dadas algumas rivalidades de afirmação nacional. Mas no fim tudo correu bem, os estatutos foram aprovados, e o ERME seguiu em frente. A minha ambição, nesta fase, é que o CERME e a escola de verão se consolidem como actividades regulares de intercâmbio científico e de formação de novos investigadores. Penso que estas actividades já estão a cumprir muito bem o seu papel e não serão necessárias mudanças muito drásticas. Espero, por outro lado, que os grupos de investigação portugueses possam integrar-se de modo ainda mais profundo nas actividades desta organização, para benefício geral, e também deles próprios.

EM: O que responderias àquela questão que não formulámos, mas que seria imperdoável não integrar esta entrevista?

JP: O mais importante sobre o ERME, penso que já ficou dito, só acrescentar que o próximo CERME será na Turquia, em Fevereiro de 2013, e que a próxima escola de verão será já no próximo ano, em Agosto, em Faro. Espero que os investigadores portugueses continuem a marcar uma forte presença, com trabalhos de investigação cada vez mais consistentes e aprofundados, dando contributos para a compreensão dos problemas, aprendendo também com as experiências e dificuldades alheias.

Entrevista conduzida por Helena Rocha